



Boletim UENP EXPLICA: Mulheres

Ciência e Cultura para todos

Volume 1/Nº5

(05/Junho de 2020)

ISSN 2675-3235

ENTENDENDO MULHERES

A pandemia tem rosto de mulher

por Me. Priscila A. B. F. Pires (UENP)

A pandemia da Covid-19 escancarou e aprofundou as desigualdades vividas por mulheres em seu dia-a-dia.

Mulheres são as mais afetadas pelo trabalho não-remunerado:

Elas já fazem três vezes mais trabalhos domésticos que os homens. Com o fechamento das escolas, a responsabilidade de cuidar integralmente das crianças passou a ser de responsabilidade majoritária das mulheres. Também são responsáveis por cuidar de idosos e doentes. Soma-se a isso, o trabalho remunerado. Uma pesquisa do Departamento de Sociologia e Antropologia Social da Universidade Valência, na Espanha, revelou que mães de crianças pequenas são as mais afetadas por estresse no isolamento. Elas precisam cuidar de seu trabalho, dos filhos, da limpeza da casa, da lavagem das roupas, da

alimentação, do monitoramento escolar dos filhos e, muitas vezes, ainda, facilitar o teletrabalho do companheiro, gerando sobrecarga.

Os impactos da Covid-19 ameaçam direitos das mulheres: A crise econômica da Covid-19 tem rosto de mulher. As mulheres são maioria em empregos mal remunerados e sem benefícios financeiros: domésticas, terceirizadas, comerciantes formais e informais, ambulantes, manicures e cabeleireiras. Muitos desses empregos serão perdidos ou terão sua renda diminuída drasticamente. No Brasil, 55% dos lares são chefiados por mulheres. Além da questão econômica, devido ao caos na saúde, muitas delas terão o cuidado e o acesso a serviços de saúde sexual e reprodutiva negados, podendo resultar em gravidez indesejada ou em aumento de doenças sexualmente transmissíveis.

Aumento da violência física e sexual contra mulher: Muitas mulheres passaram a viver 24h por dia com seus agressores. Em São Paulo, a violência contra a mulher teve um aumento de 44,9% durante a pandemia, em relatório divulgado em 20 de abril de 2020 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Dessa forma, é preciso reconhecer os impactos da Covid-19 no aumento e perpetuação das desigualdades de gênero e buscar soluções que garantam os direitos das mulheres durante e após a pandemia.



Meninas e mulheres ao redor do mundo dedicam

12,5 bilhões de horas

Todos os dias, ao trabalho doméstico e de cuidado não remunerado.

Fonte: Tempo de cuidar: o trabalho de cuidado não remunerado e mal pago e a crise global da desigualdade

A ESPECIALISTA RESPONDE



Me. Brunna R. Santiago (UENP)

Quem são as mulheres em tempos de pandemia?

Pergunta necessária diante da pandemia da Covid-19, apesar de silenciada, como sempre o são os assuntos que envolvem a mulher. De acordo com o Tribunal de Justiça de São Paulo, houve um aumento de mais de 13% nas medidas protetivas de urgência concedidas às vítimas de violência doméstica, apenas no mês de março/2020, sem considerar o que não se sabe (cifras ocultas). A cor gera outras violências: mais de 60% das trabalhadoras domésticas do Brasil são negras. Não existe quarentena para elas, que continuam a limpar a casa de seus patrões brancos. Ou então foram “liberadas” sem qualquer salário, quando já não se encontravam em situação de isolamento nas penitenciárias, nas quais 68% das mulheres são negras.

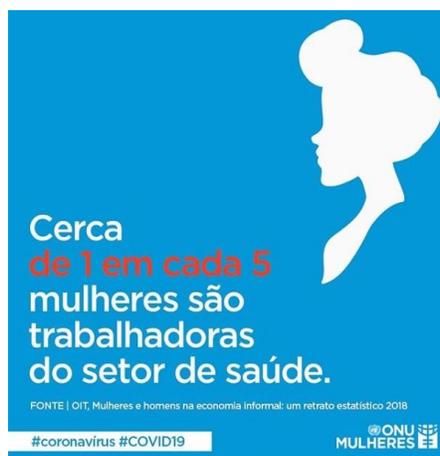
PARA OBTER MAIS INFORMAÇÕES

Núcleo Maria da Penha:

numape.cj@uenp.edu.br

ONU Mulheres:

<http://www.onumulheres.org.br/covid-19/>



Fonte: ONU Mulheres

CONHECENDO MAIS...

Mulheres e Pandemias

por Dra. Ma. Cristina Cavaleiro (UENP)

O isolamento e o distanciamento social são as principais medidas preventivas contra o contágio do novo coronavírus, constando das orientações amplamente divulgadas pelas autoridades da saúde. Esse confinamento, em muitos casos, recolhe mulheres com seus agressores.

Conforme o Comitê Permanente entre Organismos (IASC), **violência de gênero é um termo geral que se refere a todo ato lesivo imputado contra a vontade de uma pessoa e que se baseia em diferenças de caráter social (gênero) entre homens e mulheres**, podendo ser cometido em ambientes públicos ou privados. Portanto, a violência de gênero é um grande problema de saúde pública e de violação dos direitos humanos, **incidindo no direito à vida, à liberdade, à segurança**. Para a vida das mulheres, esses graves problemas não são novos. Desde os anos de 1980, estudos (internacionais e nacionais) trazem a evidência científica e estatística de que a casa é o lugar onde ocorre a maioria das

violências contra a mulher. Em 2018, António Guterres, secretário-geral da ONU, registrou a dimensão do fenômeno: “Violência contra as mulheres é pandemia global”. Matar é o ápice da desigualdade social, e acrescente-se, o Brasil ocupa o quinto lugar no ranking mundial de violência contra mulheres. No entanto, tal situação, já alarmante, deve piorar como resultado da pandemia do novo coronavírus. Essa triste previsão foi anunciada pela ONU Mulheres. Para Jacqueline Pitanguy, há outro agravante: se no confinamento aumentam os casos de violência, onde há acesso a armas de fogo a agressão pode se converter em feminicídio. “Se a casa sempre foi perigosa (...), esse perigo se exacerbou muitíssimo em 2019, com o decreto presidencial que permite que se tenha até quatro armas de fogo dentro de casa”, analisa a pesquisadora. Interromper essa banalização da vida de mulheres é fundamental. Isso envolve o investimento em ciência e em estudos de gênero. A inclusão da temática deveria ocorrer nas diversas etapas de ensino e em cursos de formação de professoras e professores – e demais esferas sociais, em prol de vidas que devem ser protegidas!



Imagem de Engin Akyurt por Pixabay.

editora uenp

atendimento.editora@uenp.edu.br

Corpo Editorial: Anney T. Giordani; Priscila A. B. F. Pires; Thiago A. Valente.